

Roberto Szidon como professor de piano na Alemanha: a construção de uma biografia em uma perspectiva sociológica na educação musical

Comunicação

GTE 18 – Sociologia da Educação Musical

*Antonio Cezar Ferreira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
prof.cezar.ferreira@gmail.com*

Resumo: Esta comunicação apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado que trata da atuação do pianista Roberto Szidon como professor de piano. Metodologicamente a pesquisa fez o uso da biografia na educação musical em uma perspectiva sociológica. Como fonte de dados foram utilizadas entrevistas feitas com alunos(as) e fontes documentais. Roberto Szidon atuou como professor de 1986 a 2006, nas academias de Hannover e Düsseldorf, na Alemanha, e em inúmeras master classes em Portugal, na Suíça, na Áustria, na Itália, na Grécia e na Alemanha. A iniciativa de abordar a biografia de Roberto Szidon no campo da educação musical pode possibilitar a reflexão sobre a experiência pedagógico-musical com esse pianista/professor. A (auto)biografia, neste caso, permitiu que alunos(as) refletissem sobre as experiências que tiveram com o professor, e que recuperassem por meio de relatos, modos de ensinar e seus efeitos na vida musical e profissional de cada um.

Palavras-chave: Roberto Szidon, professor de piano, biografia.

Introdução

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado, cujo objetivo principal é investigar a atuação de Roberto Szidon como professor de piano. A base metodológica do estudo consiste na aplicação da biografia na educação musical, abordada sob uma ótica sociológica. Minha trajetória musical, iniciada aos oito anos em Vacaria/RS com o Prof. Antonio Carlos Borges Cunha¹, sempre privilegiou o piano, mesmo tendo experiência em outros instrumentos como acordeom, gaita-ponto, violão e flauta-doce. A decisão de buscar especialização na Alemanha, em 1991, me levou ao encontro do pianista Roberto Szidon. Seu apoio foi fundamental para minha entrada e conclusão do curso de bacharelado

¹ Antonio Carlos Borges Cunha é compositor, maestro e professor do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

em piano na cidade de Düsseldorf. A orientação de Roberto Szidon, tanto no repertório quanto nas estratégias de estudo, viabilizou minha formação acadêmica na Europa. De 1994 a 2002, estudei sob sua supervisão na Hochschule für Musik, Theater und Medien, em Hannover, e na Robert Schumann Hochschule, em Düsseldorf, tendo-o como mentor significativo na minha vida acadêmica e profissional.

Quem é Roberto Szidon?

José Roberto Szidon, nascido em Porto Alegre/RS, em 21 de setembro de 1941, foi um pianista brasileiro. Faleceu em 21 de dezembro de 2011, em Düsseldorf, Alemanha, aos 70 anos. Sua carreira teve início com o primeiro concerto aos nove anos, no Theatro São Pedro, em Porto Alegre. Aos onze, teve aulas com Claudio Arrau e Illona Kabos nos Estados Unidos, além de ter estudado com Ilse Woebcke Warncke, Natho Henn e, posteriormente, com Arthur Rubinstein na Espanha.

Em 1967, migrou para a Alemanha após ser contratado pela gravadora Deutsche Grammophon. Ao longo de sua carreira, lançou aproximadamente 40 LPs, distribuídos em mais de 20 países, e realizou diversas turnês como solista, apresentando-se com mais de cinquenta orquestras na América do Norte, América do Sul e Europa. Entre os prêmios que recebeu, destacam-se o prêmio do IV Centenário do Rio de Janeiro, no início da década de 1960, e o Deutsche Schallplattenpreis, recebido em 1977.

De 1986 a 2006, dedicou-se à docência nas academias de Hannover e Düsseldorf, na Alemanha. Ministrou ainda master classes em Portugal, Suíça, Itália, Grécia, Áustria e Alemanha.

Questões de pesquisa e justificativa

Apesar de ter uma carreira fonográfica importante, e ser prestigiado como intérprete, a atuação de Roberto Szidon como professor de piano é um aspecto pouco explorado na literatura existente. As publicações disponíveis (Freitas e Gerling, 2016; Andrade, 2007) se concentram predominantemente em suas gravações e concertos, analisadas por musicólogos, historiadores, críticos musicais e músicos. Diante dessa lacuna, minha pesquisa de doutorado se propôs a investigar a atuação de Roberto Szidon como pedagogo.

A pesquisa buscou responder a questões como: Em que momento de sua carreira o pianista Roberto Szidon iniciou sua atividade docente? Quais fatores ou instâncias determinaram a necessidade de Roberto Szidon atuar como professor de piano? É possível identificar um modelo de ensino ou performance entre seus alunos(as)? Como os conhecimentos de Roberto Szidon eram transmitidos? Como esses ensinamentos reverberam nas aulas com seus alunos(as)?

Muitos dos alunos(as) de Roberto Szidon hoje atuam como professores(as) em instituições de ensino superior e reconhecem a relevância de suas experiências pedagógicas e musicais com ele. Contudo, ainda não existe uma análise sistematizada sobre esse tema. Este estudo proporcionou a esses alunos(as) — e a mim mesmo — uma oportunidade de, com a devida distância e propriedade, resgatar da memória os métodos de ensino de Roberto Szidon e o impacto que esses ensinamentos tiveram e ainda têm em suas (e nossas) vidas profissionais.

A escolha de pesquisar sobre Roberto Szidon considerou a amplitude, o reconhecimento internacional e o potencial impacto acadêmico desta investigação. O objetivo é destacar as contribuições de Roberto Szidon como professor de piano sob a ótica da pesquisa em educação musical. Abordar a biografia de Roberto Szidon no campo da educação musical pode fomentar a reflexão sobre as vivências pedagógico-musicais com esse pianista/professor. A biografia, neste contexto, possibilitou que ex-alunos(as) refletissem sobre suas interações com o professor, recuperando, por meio de relatos, seus modos de ensino e os efeitos desses métodos na vida musical e profissional de cada um.

Metodologia

O presente tópico propõe uma reflexão sobre o conceito de biografia, discute como a técnica é abordada por diferentes autores, como Queiroz (1988), Fernandes (2010) e Etzemüller (2018), e relaciona a biografia com o olhar das ciências sociais, perspectiva na qual me apoio para responder as questões de pesquisa propostas.

A escolha da biografia com abordagem sociológica, com base em Queiroz (1988), se dá pelo fato de querer mostrar essa “troca”: Em que medida as ações de Roberto Szidon são

possíveis simplesmente por estar na academia em Düsseldorf, assim como as transformações que esse espaço e a vida dos alunos(as) sofre pelas ações do professor.

Uma biografia “parece algo simples” (Etzemüller, 2018, p. 29)². O modelo de desenvolvimento clássico desse gênero geralmente começa com os pais, descreve a infância e a vida profissional, relatando, principalmente, uma ascensão, depois o afastamento do público, a velhice, a morte e a vida após a morte através da memória. Típicos são advérbios temporais como “já” e a sequência de datas consecutivas, seguidas cada uma pelo relato de uma ação ou evento que é ilustrado com imagens.

Mas existe uma relação tão clara entre a vida e a biografia? Para Etzemüller (2018, p. 29-30), “tudo é mais complicado” pois, “toda uma série de instâncias contribui para uma biografia, não apenas o biógrafo ou a vida”. Entre essas instâncias estão autor e leitor juntos. O autor mostra que conhece as expectativas de leitura de seu público e as leva a sério, e “os leitores percebem que, como esperado, recebem uma narrativa típica do gênero sobre a vida de uma pessoa em sua maioria acima da média” (Etzemüller, 2018, p. 30).

Fernandes (2010) destaca que o leitor é quem “confere vida aos signos mortos da escrita”. Conforme o autor,

É o pesquisador quem opera a intermediação entre documento e realidade. É seu olhar que irá direcionar cortes, recortes, montagem, fragmentando, recompondo e construindo um novo texto, a partir da seleção temática. A tentativa é sempre descobrir o que se oculta sob o imediatismo da evidência empírica, de modo a compreender mais profundamente o sentido dos dados (Fernandes, 2010, p. 17).

Para Etzemüller (2018, p. 30), “é apenas o contexto que declara um texto como biografia” e são “as regras de gênero [que] moldam o texto”. Peritextos (subtítulo, texto de capa, sinopse, fotos, etc.) e epitextos (resenhas, entrevistas, entradas de léxico, literatura secundária, retratos do autor) servem como uma garantia para os leitores da autenticidade de uma biografia.

Fazer biografia depende das fontes. Geralmente os biografados não estão vivos, o que se tem então são as fontes. E, por vezes, “não é fácil encontrar material” (Etzemüller, 2018, p. 31). Podem haver intervenções ideológicas dos herdeiros no espólio. Alguns

² As traduções dos textos originais em alemão foram feitas por mim.

destroem todo o material desde o início, por não pensarem em obra biográfica. Ou pode ocorrer a destruição por meio de catástrofes naturais. No caso da Educação Musical, nem sempre o acesso a materiais como partituras, gravações ou materiais didáticos relacionados com o biografado está ao alcance do biógrafo. Além disso, as fontes também são constituídas por várias instâncias. Para Etzemüller (2018),

As fontes dão uma verdadeira atuação para o biógrafo, os biógrafos encenam seu texto para o leitor, os leitores transmitem suas expectativas em relação aos arquivos e aos autores, mas todos sabem o que querem ver no final, ou seja, o que a convenção sinaliza como biografia (Etzemüller, 2018, p. 33).

Pelo que se sabe, não houve nenhuma intenção de Roberto Szidon em organizar seu material ou deixar alguma intervenção no seu espólio que pudesse, de alguma forma, orientar caminhos por onde uma pesquisa biográfica pudesse trilhar. Destaco ainda que o professor não deixou nenhum esboço de uma autobiografia.

No presente estudo, as técnicas utilizadas para a coleta de dados foram: entrevistas feitas com alunos(as) e fontes documentais (cartas de Roberto Szidon, correspondências, imagens, fotos do meu arquivo pessoal, artigos científicos, prospectos de recitais).

Para realizar este projeto busquei possíveis colaboradores. Em um bloco de notas, elaborei uma lista com os nomes de 21 alunos(as) de Roberto Szidon que conheci e dos quais me lembrava. A seguir comecei a procurar o contato desses alunos(as) nas redes sociais. O uso da plataforma de relacionamentos *Facebook* foi a opção encontrada para entrar em contato com os colegas dos quais não possuo endereço atualizado de e-mail.

Desde 2018 participo do grupo *Students of Roberto Szidon* no *Facebook*. O grupo, criado em 28 de dezembro de 2011 pelo pianista Igor Colognato, conjuntamente com Richard Metzler, companheiro de Roberto Szidon, tem 46 membros e é apresentado como “restrito a músicos que estudaram com o professor Szidon e seu objetivo é o de compartilhar as informações sobre seus ensinamentos”. Nesse grupo identifiquei 16 colegas, 11 homens e 5 mulheres que conheci durante o período em que tive aulas com o professor Szidon em Hannover e Düsseldorf (na Alemanha). Estabeleci contato via rede social com onze desses colegas e expliquei sobre a pesquisa, o interesse e a possibilidade deles em colaborar com a pesquisa. Obtive retorno de oito colegas com troca de mensagens e a possibilidade de retornar para uma entrevista no futuro.

Foram realizadas um total de oito entrevistas com os alunos(as) de Roberto Szidon que atuam como pianistas e/ou professores(as) de piano nas cidades de Lisboa (Portugal), Seul (Coreia do Sul), Dessau (Alemanha), Ratingen (Alemanha), Korschenbroich (Alemanha), Düsseldorf, (Alemanha), Hannover (Alemanha) e Veneza (Itália), e um depoimento com o pesquisador, residente em Porto Alegre (Brasil).

As entrevistas foram gravadas em arquivos de áudio e vídeo com expressa autorização dos entrevistados(as), além de empregar um caderno para anotações de campo. Os(as) entrevistados(as) autorizaram ser identificados pelo primeiro nome. As citações foram retiradas dos respectivos cadernos de entrevista, nomeados como CE-JOÃO, CE-ANDREAS, CE-ELISA, CE-DOMINIKUS, CE-MARTINA, CE-BURKHARD, CE-IGOR e CE-CLAUDIA. Esses registros constituem a base de dados da investigação.

Compreendo que cada aluno(a) apresenta uma maneira singular de interpretar sua experiência com o professor Szidon, advinda da sua formação, do seu jeito de ser e agir, da sua cultura. Estes participantes apresentam características diversas no que se refere à nacionalidade, à formação e à atuação profissional. Contudo, têm como similaridade o fio condutor desta pesquisa: a experiência enquanto aluno(a) de piano do professor Szidon.

O Quadro 1 apresenta além da data em que foram realizadas as entrevistas e o depoimento, a cidade em que reside o(a) entrevistado(a), a duração e o número de páginas da transcrição das mesmas.

Quadro 1: Informações sobre as entrevistas

Entrevistas com alunos(as)	DATA	Cidade em que reside o/a entrevistado/a	DURAÇÃO	Nº páginas da transcrição
João Crisóstomo	01/08/2022	Lisboa/Portugal	1h10m46s	20
Andreas Ehret	08/09/2022	Seoul/Coreia do Sul	3h05m54s	97
Elisa Gogou	15/09/2022	Dessau/Alemanha	1h23m40s	40
Dominikus Burkhardt	20/09/2022	Ratingen/Alemanha	1h00m08s	39
Martina Walbeck	23/10/2023	Korschenbroich/ Alemanha	1h12m43s	40
Burkhard Kerkeling	15/11/2023	Mönchengladbach/	1h05m34s	33

		Alemanha		
Igor Colognato	5/12/2023	Veneza/Itália	1h47m38s	40
Claudia Rinaldi	29/12/2023	Hannover/Alemanha	38m05s	18
Depoimento	DATA	Cidade em que reside o entrevistado	DURAÇÃO	Nº páginas da transcrição
Cezar Ferreira	29/07/2022	Porto Alegre/Brasil	55m30s	17

Fonte: Elaborado para esta pesquisa

Após a realização das transcrições e traduções³ das entrevistas, essas foram divididas em fragmentos temáticos e, mais tarde, organizados em grandes seções analíticas. A análise, com o intuito de resgatar através da memória e dos relatos dos entrevistados(as) o que o professor possa ter deixado (as experiências que alunos(as) tiveram com o professor, os jeitos de ensinar), bem como revelar sua contribuição para a área da educação musical, no campo da pedagogia do instrumento, teve como ponto culminante a “costura” desses fragmentos em um texto, através do olhar do pesquisador.

Análises iniciais

Foram transcritas, tematizadas e categorizadas oito entrevistas. As primeiras categorias de análise que emergiram do texto dão indícios de algumas questões importantes sobre a atuação de Roberto Szidon como professor de piano. Como os ensinamentos do professor impactaram nas vidas musicais e profissionais de seus alunos(as)? Como seus ensinamentos reverberam nas aulas desses alunos(as)?

Nos depoimentos de Igor, Elisa, Dominikus, Burkhard e João é possível perceber o professor mais presente, em especial por meio de uma relação afetuosa que inclui admiração e respeito. Martina, Andreas e Claudia tiveram uma relação de amizade com Szidon, o reconhecem como grande pianista e mestre, principalmente para a literatura a partir do período romântico, mas não o reconhecem como referência máxima como pedagogo.

³ Sete das oito entrevistas foram realizadas em inglês e alemão, e traduzidas pelo pesquisador.

Igor considera que “tudo relacionado com Szidon teve um enorme impacto na sua vida, em primeiro lugar, como músico, mas também como ser humano”, pois ele “era muito jovem e a personalidade de Szidon era muito forte”. Acrescenta que o professor não era tímido e sua presença era sempre percebida, como explica: “Seu caráter era como uma bomba explodindo. Assim, o impacto da sua personalidade na minha vida foi muito profundo e muito explosivo” (CE-Igor, p. 21-22).

Elisa descreve a importância do professor como divisor de águas na sua vida, não só no que se refere à sua carreira como pianista e regente, mas na definição dos acontecimentos que sucederam seu encontro, como detalha: “Se não fosse ele, não estaria na Alemanha, não teria a mente tão aberta e não teria tentado tantas coisas diferentes” (CE-Elisa, p. 34).

É possível afirmar que a presença do professor é constante na vida de Elisa, mesmo de forma espiritual, como descreve:

É um amor absoluto que sinto por ele. Tenho uma foto, uma caricatura dele na parede. Falo com ele de vez em quando. Ele ainda é uma das pessoas mais importantes da minha vida. Para mim, esse foi o professor mais importante que tive” (CE-Elisa, p. 34).

Igor avalia que a importância de Szidon [para ele], tanto como professor, quanto como performer, foi de “100%”. Szidon seria a pessoa a quem ele deve “seu status de pianista profissional e de professor profissional”, como resume:

Quando comecei com ele, eu era um aluno. Quando terminei, eu era um pianista profissional. E eu nunca serei grato o suficiente por isso. Sempre lembrarei que devo isso a Roberto Szidon. E, nesse aspecto, minha escolha de ser seu aluno foi a melhor decisão artística que pude tomar na minha vida” (CE-Igor, p. 33-34).

Entre os ensinamentos que obteve com Szidon, Claudia menciona a forma como aborda a literatura, que é importante não tratar as coisas de forma convencional. Acredita que muita coisa, da forma que os pianistas interpretam, não está correta, como explica:

Questiono muitas coisas e acredito que, principalmente quando se trata de fraseado, cantabile e sensualidade, muita coisa é feita de forma errada. E é isso que eu faço. Eu realmente não tento tocar do jeito que as pessoas acreditam que deveria ser” (CE-Claudia, p. 13).

Elisa concorda com Claudia no sentido de não tratar as obras de forma convencional: “Sempre questionando tudo, encontrando soluções, criando minhas próprias regras e insistindo nelas” (CE-Elisa, p. 33), e que é importante desenvolver sua própria identidade musical, sua própria sonoridade: “Nem sempre precisava soar como nas gravações ou com pessoas conhecidas que você sempre ouvia” (CE-Elisa, p. 27).

Sobre o significado que o papel de Szidon teve na sua vida, Claudia diz que aprendeu que é livre na sua interpretação, como explica: “Eu interpretei algumas coisas de forma diferente do que ele interpretaria. Ele achou plausível, deixou assim e não tentou me mudar. É isso que quero dizer com livre” (CE-Claudia, p. 16).

Claudia acha errada a conduta de professores que tentam convencer os alunos a tocarem como lhes agrada, e diz que concede essa liberdade aos seus alunos quando aquilo que fazem é convincente e “não é completamente o oposto do que a música realmente diz” (CE- Claudia, p. 16).

Com respeito à coerência que essa interpretação pessoal e única deve ter, Elisa tem opinião semelhante a de Claudia: “Não estou dizendo que você não deve respeitar o compositor, mas você, como pessoa, tem que ter uma ideia fundamental [concepção]. Foi isso que ele me ensinou” (CE-Elisa, p. 33).

Elisa aprendeu com Szidon que nunca se deve tocar com a tampa do piano abaixada, mesmo na interpretação de música de câmara, como justifica:

Não tem nada a ver com volume, só tem a ver com o pedal, com a ênfase da sonoridade. Assim você pode tocar suavemente, mas com um piano de cauda aberto, é claro. E é por isso que ele usava muito o *una corda*, o pedal esquerdo” (CE-Elisa, p. 12).

Para Martina, os padrões de sonoridade do professor eram muito altos. Ela aprendeu a “explorar as possibilidades sonoras para além do texto musical”, principalmente ao estudar Copland, como detalha: “Há essas possibilidades incríveis de colorir o texto musical usando o pedal. E em Copland isso ficou muito claro para mim” (CE-Martina, p. 15).

Elisa, João, Igor e Dominikus compartilham da mesma experiência no sentido de serem motivados pelo professor a enfrentar desafios, a estudar obras consideradas muito difíceis. Entre os principais ensinamentos que obteve com Szidon, Dominikus menciona “a

coragem de enfrentar coisas que inicialmente parecem uma montanha à sua frente”, como detalha:

Então eu quero pegar, por exemplo, *Violetta Modcupera*, de Ravel, ou *Angela Walz*, ou qualquer outra, onde alguém simplesmente diz: *Meu Deus, isso é alcançável e possível de executar para mim?* E ele sempre tirava seu medo disso. Ele dizia: *Sim, você consegue, você só precisa encontrar o caminho e então vai dar certo*. Sempre achei isso muito encantador, pode-se dizer, e também totalmente acolhedor. E é por isso que ele me deu essa abordagem sem medo de tocar piano em alto nível, porque eu já tinha tido outras experiências antes em que não era assim (CE-Dominikus, p. 18-19).

Entre os ensinamentos do professor que João usa “todos os dias”, estão “as dedilhações do professor”. Afirma que continua a usá-las, não só para ele próprio, mas também “para os alunos”. Comenta que “não é fácil explicar aos alunos” porque se utiliza aquele dedilhado, mas tenta convencê-los através da experimentação, como explica: “Olha, então faz lá com esses dedos, depois faz como tu queres, e eles próprio reconhecem: Ah, realmente é melhor assim” (CE-João, p. 15).

João revela que para ele, como pianista e como professor, “ficou uma parte desse humanismo do Roberto que é difícil explicar, [...] de uma pessoa mais mente aberta, [...] menos conservador”, e que isso “foi das coisas mais importantes”, até mais do que a parte musical (CE-João, p. 19).

Sobre o que as aulas de Roberto Szidon trouxeram, João acredita que “a coisa principal” foi ter mudado sua “maneira de ver a música em diversos aspectos”. Com Szidon teria aprendido “a ler uma partitura como deve ser”, a “ser fiel ao texto” (CE-João, p. 13).

Outro aspecto elencado entre as aprendizagens com Roberto Szidon, é que o professor precisa inspirar os alunos a fazer música, transmitir o entusiasmo pela música. Andreas considera que o professor é o mais importante quando se tem aula de música, e que a coisa mais importante que você pode levar consigo, além da técnica, é o entusiasmo pela coisa, e “Szidon era um entusiasta da música”, acrescenta (CE-Andreas, p. 44).

Andreas salienta que entre os aspectos que adotou está o fato de procurar não ter o protagonismo como professor, não ser o centro das atenções, pois sempre achou isso desagradável em outros professores. Mas acrescenta que isso não teria a ver somente com o fato de tê-lo vivenciado com Szidon, mas porque é seu caráter (CE-Andreas, p. 78).

João compartilha a opinião de Andreas, e ressalta que toda a maneira de ser de Szidon “sempre foi muito marcante”, que havia “uma certa relação de proximidade, e não aquela coisa austera do professor-aluno”. Acrescenta que isso mudou a relação que tem com seus alunos, que “são mais próximos”, e a relação se tornou “mais simples” (CE-João, p. 23).

Igor afirma que havia certos “princípios básicos” nos ensinamentos de Szidon, nomeadamente: “a verdade do texto, a verdade dos seus próprios sentimentos e nunca tentar se exhibir”. O entrevistado confirma o aspecto já mencionado por Andreas, de que o professor não gostava de ter protagonismo, nem de ressaltar sua imagem perante outros [alunos ou professores], mesmo quando se tratava de interpretar obras de grande nível de dificuldade, como detalha:

Trabalhei com ele em um repertório muito desafiador. Como *Mazeppa*, *Scherzo und Marsch*, *Totentanz*, *Segundo Concerto para Piano* [F. Liszt], *Estudo Sinfônico* de Schumann, Ginastera, *Primeira Sonata* para Piano, *Segundo Concerto para Piano* de Prokofiev. E com esse tipo de peça é humano tentar mostrar o quão imponente você é, ou esse tipo de coisa. E com ele isso era absolutamente proibido. Ele nunca tentou fazer isso (CE-Igor, p. 23-24).

Burkhard adotou muita coisa da pedagogia de Szidon para seu próprio ensino, principalmente a abordagem pragmática, como conta:

Às vezes, ele reduzia a questão a um nível muito prático. Como eu toco expressivo? Certo, eu faço uma forte diferenciação no fraseado entre os pontos fortes e fracos. Acrescento um pouco de agógica. E aprendi muito sobre como explicar as coisas para as pessoas, como por exemplo: Como tocar *expressivo*? Ou como eu toco *dolce*? O que isso significa? Então, em princípio, posso reduzir as questões a alguns componentes muito claros e objetivos (CE-Burkhard, p. 12)

Sobre o papel que Szidon desempenhou na sua vida como professor, Burkhard revela que a presença do mestre nos seus pensamentos, quando está dando aulas, é frequente: “Acho que a coisa mais importante que sempre passa pela minha cabeça, como já disse, realmente, ele está frequentemente presente, de verdade” (CE-Burkhard, p. 28).

Algumas considerações

Nesta pesquisa, as análises realizadas indicam um sentimento comum em relação às vivências com Roberto Szidon: que as aulas e os encontros com o professor haviam sido não apenas um divisor de águas para a aprendizagem da performance musical, mas também haviam contribuído de forma definitiva para a formação enquanto seres humanos. Através de seu conhecimento profundo da história e da literatura, e de seu coração aberto aos estudantes, Szidon deixou marcas profundas na formação de seus alunos e alunas.

Alguns ensinamentos técnicos como o uso do pedal e os dedilhados reverberam nas aulas de seus alunos(as) que hoje atuam como professores(as) no ensino superior. O caráter humanista e integrador de Szidon, sua relação de proximidade com os(as) alunos(as) e seu entusiasmo pela música sobressaem como suas principais marcas e interferem diretamente na motivação dos alunos e alunas.

Referências

ANDRADE, Liliana Michelsen de. *O primeiro movimento da sonata II para piano de Bruno Kiefer: uma análise interpretativa*. Dissertação (Mestrado em Música), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ETZEMÜLLER, Thomas. Wer konstruiert die Biographie? Über die Rolle von Autoren, Lesern, Quellen, Texten - und des Biographierten. In: KOLB, Fabian, UNSELD, Melanie, NIEDEN Gesa zur (Org.). *Musikwissenschaft und Biographik: Narrative, Akteure, Medien*. Mainz: Schott Music, 2018. p. 29-34.

FERNANDES, Maria Esther. História de vida: dos desafios de sua utilização. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 15-31, jan./jun. 2010.

FREITAS, Stefanie. GERLING, Cristina Capparelli. Modelagem como estratégia de estudo para a manipulação das inflexões rítmicas e definição de íntimo no Ponteio 46 de Camargo Guarnieri: dois estudos de caso. *Revista da Abem*, Londrina, v. 24, n. 36, p. 85-104, jan./jun. 2016.

QUEIROZ, M. I. P. Relatos orais: do indizível ao dizível. In: VON SIMSON, O. de M. (Org.). *Experimentos com histórias de vida*. (Itália-Brasil). São Paulo: Vértice, p. 14-43, 1988.